



PROMISQUIZZAÇÃO DE SABERES: CORPOS E POÉTICAS EM CONTÁGIO

Autores: Cachú Martins, Dayane Ribeiro,
Giovanna Zottis, Maria Reizewitz, Mauro Braga, ¹

Co-Autores: Aline Fernandes, Camilla Farias, Carolina Guasquez, Naia Pratta ²

Orientador(a): Prof. Dr. Renato Ferracini³

¹Autores: **Cachú Martins** é artista e pesquisador da cena, integrante do grupo teatral e circense Companhia do Bagaço e do grupo de pesquisas Curvas Coletivas. É Graduação em Artes Cênicas pela Unicamp (2017-21) e mestrado em Artes da Cena – Teatro, Dança e Performance pela mesma universidade (2023-atual) com bolsa pela FAPESP. c169069@dac.unicamp.br

Dayane Ribeiro, artista da cena do corpo e da imagem, educadora, produtora cultural e pesquisadora da arte contemporânea permeando entre a cena e a vida cotidiana das afrodiásporas e suas encruzilhadas. Humanista interdisciplinar pela UNILAB-Malês. Mestrando em Artes da Cena pelo PPGADC pela UNICAMP.

Giovanna Zottis é atriz, palhaça, pesquisadora, arte-educadora, produtora cultural e diretora teatral. Formada em Teatro pela UERGS/FUNDARTE - 2008. Mestra em Artes da Cena pelo PPGAC-UNICAMP. Doutoranda pelo mesmo programa. giovannzottis@gmail.com

Maria Reizewitz Artista, educadora e pesquisadora da dança. Natural de São Paulo-SP, reside na zona rural de Botucatu-SP. É mestrando em artes da cena no PPGADC/Unicamp e desenvolve a pesquisa a materialidade como disparadora de modos coletivos de criar na dança, sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria Rodriguez Costas.

Mauro Braga Campos é ator, palhaço e fundador da Cia ORUÃ. Violoncelista bacharel em Música Popular (UNICAMP/2004). Mestrando no PPGADC- IA - UNICAMP. braga.mauro@gmail.com

² Co-autores: **Aline Fernandes** é pesquisadora das corporalidades afro indígenas brasileiras, cantora e produtora cultural. Cientista social pela USP, com especialização em gestão de saberes e territórios tradicionais pelo IEAR - UFF e mestrando em Artes da Cena pela Unicamp.

Camilla Farias é mulher nordestina. Cantriz, musicista, educadora, palhaça e pesquisadora. Bacharel em Interpretação e Mestra em Artes Cênicas pela Unirio, atualmente Doutoranda em Artes da Cena pela Unicamp.

Carol Gás é artista, pesquisadora e educadora. É mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena na Unicamp, onde também se formou como bacharel e licenciada em Dança.

Naia Pratta é artista da cena, estabelece intersecções entre teatro, dança, bordado, palhaçaria e audiovisual. Licenciada em Teatro e Especialista em Dança (UFBA) Mestra em Artes da Cena e doutorando no PPGADC - IA Unicamp. Email n229515@dac.unicamp.br

³Orientador: **Renato Ferracini** é ator, pesquisador, pai, filho. Rizomático. Crítico. Positivo. Graduação em Artes Cênicas pela UNICAMP (1993), mestrado (1998) e doutorado (2004) em Multimeios também pela UNICAMP. É ator-pesquisador do LUME - NIPT-UNICAMP. Professor com credenciamento permanente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - IA - UNICAMP. rflume@unicamp.br



Resumo

A mesa temática conduzida pelo grupo de pesquisa Curvas Coletivas, vinculado ao Lume Teatro, propôs uma partilha das investigações desenvolvidas em sala de trabalho em 2025, que tem como ponto de partida a escuta do corpo e a produção de auto-narrativas poéticas. O recorte central desta proposta é o conceito de “*promisquização*” — um modo de pesquisa que aposta na mistura irreverente e sensível de metodologias, repertórios e referências heterogêneas do coletivo. Através do cruzamento entre a Técnica Klauss Vianna, a Mímesis Corpórea, a Autonomia Criativa, o Jogo e a Palhaçaria, o grupo tensiona fronteiras entre o somático e o performativo, a investigação e a composição, o pessoal e o coletivo. A mesa buscou construir uma tessitura compartilhada de experiências em que o contágio entre subjetividades, materialidades e de fazeres em arte, revela modos outros de presença e criação em cena. Ao brincar com nossos procedimentos de criação, como em um quizz experimental, emergem perguntas e fabulações que deslocam saberes e abrem espaço para o desconhecido como motor de pesquisa.

Palavras-Chave: Presença cênica, Escuta, Escuro, Corpo, Auto-narrativas poéticas, Jogo, Grupo de pesquisa, Promisquização.

O grupo de pesquisa Curvas Coletivas, vinculado ao Lume Teatro, constitui-se como um espaço de investigação artística que se dedica ao compartilhamento das investigações de pós-graduação de seus integrantes. Sua prática se organiza em encontros semanais, nos quais há uma rotatividade na condução das atividades, permitindo que cada pesquisadore compartilhe suas pesquisas, repertórios e saberes. Essa dinâmica de alternância e partilha cria um ambiente de contágio criativo, em que metodologias diversas se entrelaçam e se hibridizam, abrindo espaço para a emergência de novas formas de presença e criação.

A proposta do coletivo se ancora no conceito de “*promisquização*”, entendido como um modo de pesquisa que aposta na mistura irreverente e sensível de metodologias, referências e repertórios heterogêneos. Ao cruzar práticas como a Técnica Klauss Vianna,



a Mimesis Corpórea, a Autonomia Criativa, o Jogo e a Palhaçaria, o grupo tensiona fronteiras entre o somático e o performativo, entre a investigação e a composição, entre o pessoal e o coletivo. Essa abordagem não busca a síntese ou a homogeneização, muito pelo contrário, procura a convivência das diferenças, a fricção produtiva entre modos de fazer e pensar provenientes de campos distintos, instaurando um espaço de experimentação que se alimenta da diversidade de saberes como substrato criativo.

Nesse sentido, a mesa temática realizada no Seminário Interno Mário Santana 2025 foi concebida como um espaço de investigação e experimentação prático-corporal, em que as discussões não se restringiram ao plano discursivo, mas também foram colocadas no corpo em movimento e ação. Para tanto, foram propostos jogos em condução compartilhada pelos integrantes do Curvas Coletivas, que levassem à interrogação e escavamento de conceitos chaves que orbitam os estudos do grupo.

Essa condução horizontal e colaborativa possibilitou que cada participante trouxesse um fragmento de sua pesquisa o que formasse um ponto de contato com outros recortes investigativos dentro da gama de materiais de estudos que flutuam dentro do Curvas. Nessa trama viva, compõe-se uma grande tessitura coletiva marcada pela composição híbrida e atravessada pela presença, pelo o que acontece ao colocar o corpo em jogo, em desafio, em diálogo com outre e com o inesperado. Uma colcha de retalhos que articula repertórios e os ativa na instabilidade do agora.

Ao brincar com nossos procedimentos de criação, emergiram perguntas e fabulações que deslocaram conceitos e abriram espaço para novas formas de formular e combinar as ideias que já tínhamos previamente sobre determinados conteúdos. Essa zona de contágio que fora criada revelou, então, outras possibilidades de pontos de vista que não teríamos acesso se não fosse pelo contato com outre e com a coletividade.

A seguir, apresentaremos um recorte dessa prática realizada no seminário, destacando como os procedimentos corporais e coletivos se articularam em cena e quais deslocamentos foram produzidos nesse processo.

Essa vivência inicial é um convite para adentrar no espaço, uma sensibilização para a prática coletiva proposta pelo grupo. Depois do público entrar, encontrar um lugar



no espaço para se deitar no chão e fechar os olhos, vai sendo criada uma ambientação com sons, tecidos, ervas, aromas relacionados às pesquisas dos integrantes do Curvas. A sensibilização aciona novas camadas perceptivas, descentralizando o sentido da visão e a percepção centrada na racionalidade e possibilita que o público se envolva através de outros sentidos com as propostas e conceitos articulados na mesa. Essa primeira vivência é, portanto, um chamado para um mergulho interno e também para a disponibilização para a experiência coletiva.

Misturando referências de diferentes abordagens somáticas com investigações distintas com as materialidades, a prática busca proporcionar a experiência na integralidade do corpo de cada um e propõem ainda a abertura porosa para o encontro com o outro.

A sala mergulha em escuridão plena. O público é convidado a adentrar o espaço silenciosamente, as pessoas serão convidadas a retirar os sapatos e, ao adentrarem um novo campo de espacialidades, lavarem os pés em uma bacia com água preparada com banho de folhas e óleos essenciais. Esse gesto busca criar um ambiente sensorial que promova bem-estar, acolhimento e abertura para a experiência proposta. Logo em seguida, propomos que todos acomodem-se sobre o chão e permitam-se que as pálpebras se fechem como quem atravessa um limiar sensorial. Nesse território de sombras, instaura-se a potência de um escuro ativo, não como mera ausência de luz, mas como matéria sensível que reorganiza a percepção. A ausência do olhar, aqui, não empobrece a experiência: pelo contrário, dilata a escuta, intensificando-a até que ela se torne um campo de ressonância do mais íntimo que habita cada corpo.

Nesse ambiente cuidadosamente instaurado para ser íntimo e seguro, produz-se um estado de suspensão que desestabiliza as coordenadas perceptivas usuais. A percepção, subitamente desavisada da primazia do olhar, é convocada a se reconfigurar em novos contornos. O escuro, agora despojado de qualquer função representativa, deixa de ser mera ausência luminosa para se tornar uma matéria sensível, um campo de potência que inaugura modos mais subtis de apreensão.



É nesta atmosfera que se engendra uma disposição sensível fértil, onde as fronteiras entre dentro e fora se porosificam, permitindo que o corpo perceba a si mesmo e ao entorno de maneira mais permeável. Assim, o gesto de escutar transcende sua finalidade ordinária e se converte em uma espécie de prática sensório-poética, capaz de tocar aquilo que beira o indizível: a pulsação íntima, as vibrações quase imperceptíveis do espaço, as micro-interferências que compõem o ambiente, e até mesmo o eco latente dos próprios pensamentos.

Nesse regime ampliado de sensibilidade, a escuta se torna não apenas um ato, mas um estado de ser, uma abertura radical ao que emerge na intersecção entre corpo, escuridão e imaginação.

A partir desse campo perceptivo ampliado, o processo gestativo do impulso criativo desvincula-se das hierarquias sensoriais habituais. Surge, então, a possibilidade de criação por vias laterais, subterrâneas, que se manifestam além da visão e atravessam camadas mais profundas do corpo. O escuro torna-se, simultaneamente, abrigo e provocação: um terreno onde a imaginação, liberta do regime visual que a governa, pode emergir com outras texturas, outras temporalidades, outros modos de presença.

Para um primeiro gesto de investigação interna, propomos o cultivo de uma percepção ampliada da respiração, orientando o corpo a reencontrar aquilo que chamamos de *respiração primeira*: a respiração umbilical, matriz primordial do ritmo vital. Ao acessar esse pulso originário, abre-se no corpo um estado de expansão sensório-perceptiva que permite o afloramento de camadas sutis de presença, memória e imaginação somática.

Com o corpo atravessado por essa dilatação da sensação, as materialidades são então convocadas a ingressar no campo da experiência como parceiras ativas da dança-relação. A materialidade; compreendida não apenas como objeto externo, mas como força, textura e campo vibrátil; torna-se um vetor fundamental para que o corpo possa instaurar uma relação criativa radical com o ambiente, ampliando suas possibilidades de escuta, invenção e presença.

Nesse mesmo movimento, as ativações sonoras, produzidas tanto pelas materialidades quanto pelas dimensões vocais, irrompem como camadas adicionais dessa



tessitura sensível. O som, seja ele friccionado, soprado, emitido pela voz ou despertado pelo contato com superfícies, opera como matéria expansiva que atravessa o corpo e o espaço, desestabilizando fronteiras e evocando modos outros de sensorialidade.

Assim possibilitamos a criação de zonas de fricção e cumplicidade em que o tato, a derme, o olfato e a escuta delineiam um território sensível que antecede e excede a racionalidade discursiva. É nesse território pré-reflexivo que se abre a possibilidade de uma imaginação corpórea, capaz de convocar imagens, afetos e cognições provenientes do desconhecido. Assim, as materialidades operam como gatilhos de fabulação sensível, tensionando as fronteiras entre corpo e mundo e ativando processos de desestabilização criativa, onde outras formas de saber, perceber e existir se tornam possíveis.

travessei mar

travessei Bahia

por cima das água verde

na passagem do rio fundo

*meu cavalo não teve medo*⁴

Inicia-se o jogo que chamamos de “dança conceito”. É montada uma roleta no centro da sala com papéis formando um círculo e grandes palavras escritas neles. Uma garrafa assume a função de ponteiro da roleta. Gira-se a garrafa, que aponta para uma palavra. Cachú pergunta para uma pessoa do público, escolhida aleatoriamente, o que ela entende e sente ao ouvir essa palavra que está escrita no papel. Enquanto a pessoa do público fala em fluxo, integrantes do Curvas dançam essas ideias jogadas ao ar. O processo se repete outras três vezes.

Escuta Promisquizzata: Uma pessoa ao centro, virada para a plateia, duas pessoas, uma de cada lado, sussurram em seus ouvidos, sem pausas o que lhes vem à mente sobre

⁴ "Travessei Mar" é uma cantiga de de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti-MA.



um tema. A pessoa ao centro deve falar sem pausas também, misturando o que escuta em seus ouvidos. A roleta gira mais uma vez. O jogo começa! Em tempo real Carol Gas escreve um resumo do que escuta em site de IA generativa. Enunciado para o GPT: faça um texto acadêmico e artístico em um parágrafo a partir dessas palavras. Lê o que a IA nos forneceu.

Gira-se a roleta novamente, que seleciona mais uma vez uma palavra. Um jogo de pega-pega começa quando Naia diz “tá comigo!”. A pessoa que é pega deve falar imediatamente e ininterruptamente por 30 segundos (cronometrados) sobre a palavra-conceito sorteada. Ainda a mesma palavra, vão alternando-se pegadores dentro da dinâmica do jogo. Num dado momento, gira-se a roleta novamente para alternar a palavra.

A proposta do jogo é criar uma dinâmica que embaralha a tentativa de verbalizar conceitos e percepções com a brincadeira de pega-pega, gerando um fluxo espontâneo de pensamento. Que possibilita uma quebra do pensamento lógico-linear-razional recorrente e requerido em pesquisas acadêmicas. Assim, abre-se espaço para a expressão que vem também do movimento de todo o corpo, da tentativa de não ser pega, da excitação que a brincadeira gera na pessoa brincante, esteja ela falando ou escutando. O riso, a corrida, a fuga, o erro, a iminência de ser pega, o tempo para falar, desviar de outros, escorregar nos elementos espalhados no espaço... tudo está em relação, é parte da expressão que constitui a fala verbalizada.

eu vim do corpo da minha mãe

ela me deu semente boa

nutri meu corpo

se espalha em benção

sou plantadeira de semente boa⁵

Após a canção, iniciamos um exercício de convocação das presenças. Caminhando pelo espaço da sala, trazemos a atenção para o olhar, direcionando-o para fora, para o ambiente e para as outras pessoas presentes na sala. Neste deslocamento, ao cruzarmos umas com as outras, deixamos que nossos olhares se encontrem. Então no

⁵ Música “Plantadeira” de Minuska Lima.



próximo encontro de olhares, nos aproximamos desta pessoa, e paramos uma de frente para a outra. Neste encontro, sustentamos nosso olhar. Uma indicação simples, mas também desafiadora: apenas sustentar o olhar! Respiramos juntas, sem pressa e, ali, cada pessoa busca investigar, em meio a esse encontro único e irrepetível, qual é o seu olhar mais poroso, que não apenas olha, mas que se deixa olhar. Um olhar que também se revela. Encaramos o vazio estarecedor do qual sempre fugimos cotidianamente, nos entregando a ele por um momento. Depois de algum tempo - um tempo sentido, e não cronometrado - uma das duas pessoas, sem que se determine qual, diz: "Eu estou aqui". A outra responde: "Eu te vejo". Depois disso, um abraço, uma despedida. E, voltando a caminhar, busca-se por um outro encontro. A cada encontro, o exercício se repete em uma nova investigação. Que olhar é esse, que enxerga o outro e também se deixa ver? Qual o tempo de cada ação, sem pressa, e sem alongar demais o encontro?

Pode parecer banal afirmar o óbvio. Afinal, em sala de trabalho, todas as pessoas presentes "estamos aqui e nos vemos". Porém, ao colocar isso em palavras, após dedicarmos tempo ao olhar, convidamos um outro tipo de estar, como se invocássemos uma outra qualidade de presença mais dilatada, mais consciente e conectada com o momento presente e, também, uma outra qualidade de ver.

Finalizada a prática, de mãos dadas, em roda com o público/participante, abrimos para um momento de partilha. Dentre as questões suscitadas nessa conversa final, falou-se a respeito da importância da constituição de grupos de pesquisa como um espaço de convivência, experimentação prática e teórica.

O encontro com pares tem nos possibilitado um lugar seguro para arriscar, isto é, experienciar o que ainda não sabemos, em um espaço/tempo em que partilhamos nossos saberes, intuições, desejos, e ali nos permitimos errar também, percorrer caminhos ainda desconhecidos, em uma troca teórico/prática/afetiva, que estamos nomeando "promisquização".

Referências

FERRACINI, Renato; HIRSON, Raquel Scotti; COLLA, Ana Cristina. (org). *Práticas Teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos*. Campinas,SP: Editora da UNICAMP; FAPESP, 2020.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

COLLA, Ana Cristina; HIRSON, Raquel Scotti; FERRACINI, Renato. *Entre cenas, memórias e estilhaços*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; 2022.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed.WMF Martins Fontes, 2013.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar. Poéticas do corpo-tela*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

